

EUCLIDES DA CUNHA

João Soares Neto

Especial para o Ciclo de Estudos da Academia Cearense de Letras, em 17 de novembro de 2009

Falar sobre Euclides da Cunha, como último palestrante de uma série em que o escritor fluminense foi analisado por especialistas como Pedro Paulo Montenegro (*Euclides, o ensaísta*), Vânia Vasconcelos (*Quando a imaginação vence a história: Euclides da Cunha e a escrita dos sertões*), Ângela Gutiérrez (*Os sertões e o seu efeito germinador na cultura*), Maria Inês Cardoso Salles (*Diálogo entre Os sertões e cicatrizes submersas de Descartes Gadelhá*), Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes (*Euclides da Cunha, homem de ciência e sua arte*) e José Batista de Lima (*Canudos, a sala dos sertões*) é uma temeridade para mim. Tudo já foi essencialmente dito. Este Ciclo que a Academia Cearense de Letras propicia neste ano de 2009 é, acreditem, uma oportunidade que não está sendo desperdiçada. Sei que vocês já ouviram tudo e estão, como se diz em linguagem esportiva, apenas cumprindo a fase final da tabela. Assim, o que pretendo falar traz apenas uma abordagem singular e própria de quem tem como característica não seguir, necessariamente, o que os outros dizem ou fazem, mas procurar definir um caminho próprio. Na vida, como na cultura, todos devem procurar ter uma identidade singular. Não valem escrever ou falar o que os outros já disseram, mas procurar nuances novas, questionar fatos e tratar de não deixá-los sem análise, respeitadas as pesquisas empreendidas por especialistas.

A lição um que passo é simples: sejam vocês mesmos. Tenham respeito por seus pensamentos e análises. Procurem informações, façam leituras, duvidem e o que vier disso tudo é o conhecimento que ficou, se ficou.

Não pretendo fazer uma palestra. Quando muito, uma crônica sem pretensão maior. Os títulos que usei: “Teria Euclides preconceito com o nordestino” ou “Seria Euclides preconceituoso com o nordestino?” parecem provocativos e, quiçá, provisórios. O que tenho certeza

é que há dúvidas sobre a isenção da Euclides em relação a Canudos e ao tipo nordestino descrito por ele. Na verdade, foi uma forma de obrigar-me a fazer uma pesquisa diferenciada, sem obediência fiel às normas técnicas brasileiras e acadêmicas, sobre as muitas e conflitantes versões a partir dos elementos básicos – O Homem, a Terra e a Luta – usados para a criação de *Os Sertões*, a obra prima de Euclides da Cunha.

Para os fins desta crônica, o Homem, além do nordestino descrito, será também o próprio escritor Euclides da Cunha. A Terra, além do sertão baiano, serão, igualmente, os locais onde Euclides nasceu, viveu, estudou, trabalhou e, por fim, morreu. A cidade de Cantagalo e o interior do Rio, a Bahia, São Paulo e São José do Rio Pardo. A Luta será apenas uma mistura de sua jornada pessoal e esta mínima informação sobre a 4ª. Batalha de Canudos, que envolveu 9.500 militares fortemente armados e matou milhares de civis para justificar uma República que claudicava politicamente em seus primeiros anos. O próprio Euclides diz:

“Aquela campanha lembra um reflexo do passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.”

A Historiadora Walnice Nogueira Galvão, em *Cartas de Euclides no ano da Guerra*, refere:

“O papel de Euclides da Cunha na construção da memória da Guerra de Canudos é fundador. Seu livro, Os Sertões (1902), fez por uma insurreição popular o que nenhum outro foi capaz de fazer no país: alçou a tragédia paradigmática, mediante louvor à coragem do vencido”.

Remorso? Desconfio,

São tantos os estudos sobre Euclides e *Os Sertões* que me deixaram, de princípio, desorientado. Há, todavia, falhas e hiatos evidentes que não foram considerados relevantes por seus estudiosos. Um deles,

por exemplo, é quase nenhuma referência sobre a infância de Euclides, após a morte de Eudóxia, sua mãe. Sabe-se que foi mandado aos três anos para a Bahia, terra de sua genitora, aos cuidados de tias. Lá teria ficado uns oito anos.

Teria estudado no Colégio da Bahia?

Quais teriam sido os seus colegas?

Que hábitos ou costumes teria adquirido nessa fase da infância em que se capta tudo e se arquiva para sempre?

Teria convivido com empregados domésticos nativos?

Essa falha pode ser minha. Não descobri referências especiais sobre esse período. Bem que tentei. Seria isso relevante? Admito, por minha conta e risco, que as observações do enviado à Canudos não são produto apenas das poucas semanas por lá passadas e do seu regresso, por doença, dois antes do encerramento da chacina, trazendo o “Diário de uma expedição”.

Refletem, talvez, esses anos desconhecidos, a sedimentação da memória de sua infância, a sua irresolução como indivíduo e marido e a sempre crescente leitura e estudo.

Por outro lado, o jornalista se transforma, pouco a pouco, ano a ano, em homem culto, devorador de livros que era, de autores que já haviam tratado do que chamaria de “nordestinidade”, entre eles, *José de Alencar, em “O Sertanejo”, publicado em 1875; Os Jagunços, de Afonso Arinos, 1890, Última Expedição a Canudos, de Emídio Dantas Barreto, 1998; O rei dos jagunços, de Manuel Benício, 1899.*

Os pernambucanos, na palavra de Sheyla Pinheiro, da Universidade Católica de Pernambuco, publicaram, um pouco antes, obras “*com perspectivas diferentes sobre a guerra*”. Refere-se ela aos citados no parágrafo acima: Emídio Dantas Barreto e Manoel Benício, ambos pernambucanos. Sheyla relata:

“os dois pernambucanos publicaram livros a respeito de Canudos anos antes de Euclides da Cunha lançar “Os Sertões”. Manoel Benício viu de frente as primeiras operações de combate da expedição que conquistaria a guerra. ‘A Coluna Savaget’ foi a primeira a

sofrer os ataques dos conselheiros e teve 200 mortos', quem diz isso é a professora de pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco, Isabel Guillen. Relata José Ernani Souto Andrade, professor do departamento de História da Universidade Católica de Pernambuco: "a partir de suas observações, Manoel Benício envia, ao Rio, textos denunciando a desorganização da quarta expedição". Para o pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, Frederico Pernambucano de Melo: "Militar reformado, Benício faz severas críticas às estratégias de guerra e, por isso, foi substituído".

O que se sabe é que Euclides, anos após sua volta de Canudos, entre outras motivações que o levaram a escrever *Os Sertões*, não teria concordado com o teor do livro do Conde Afonso Celso "*Porque me ufano do meu país?*". Afonso seria a antítese da pessoa Euclides. Era nobre, bem casado, formação européia, amante do Império e, paradoxalmente, seu futuro colega no Instituto Histórico e na Academia Brasileira.

Dáí, Euclides, passa a escrever a sua versão realista e pessimista sobre o Brasil. Apresentou os originais no princípio de 1901 a Júlio Mesquita, diretor do jornal O Estado de São Paulo e não obteve resposta. Seis meses depois, os originais foram encontrados, empoeirados, no mesmo lugar, intocado. Em dezembro de 1901, viaja ao Rio de Janeiro, onde, finalmente, consegue, publicar, por sua conta e risco, em 02 de dezembro do ano seguinte, 1902, pela Livraria Laemmert, *Os Sertões*. Sua revisão é quase uma prova de paranóia. Foram 37 correções, 12 acréscimos e 25 supressões, perfazendo 44 mil emendas com caneta e canivete de ponta. Berthold Zilly, estudioso alemão de Euclides, fala que o livro é:

"uma espécie de solilóquio de um pensador contemplativo."

Voltemos ao homem Euclides. Procurando entender a pessoa Euclides, é preciso dizer que ele não teve, como era comum em seu

tempo, um registro de nascimento. Essa falha foi reparada, no ato de seu casamento – *deveras apressado* - com Ana Sólón Ribeiro. Assim, esse fato foi narrado por Joel Bicalho Tostes, um dos estudiosos de Euclýdes:

“Em 27 de julho de 1890 tiveram início em providências oficiais para o enlace; deu-se o futuro sogro de Euclýdes, o então Coronel Frederico Sólón de Sampaio Ribeiro, ao incumbir o Major Carlos Teodoro Gomes Guimarães, mediante procuração, de cuidar dos papéis exigidos em lei relativos à sua filha, tendo também à época o 2.º Tenente Euclýdes da Cunha – fugindo a hierarquia militar, certo por influência de Sólón – encarregado o Major de tal tarefa, dando-lhe poderes para esse fim em documento firmado no dia imediato, 28, no Tabelião Cerqueira Lima. E a partir daí seguem-se as medidas num ritmo que bem demonstra a eficiência de Teodoro Guimarães, que oficia em 29 de julho ao Juízo de casamento do 2.º Distrito, desta cidade (Rio), dizendo que seus representados estavam contratados para casar, mas “não tendo certidão de idade, querem supri-la na forma da lei por meio de justificação, para lhes servir de documento no registro de casamento” e “pediam, com esse objetivo, mandasse o juiz marcar dia e horas para suas testemunhas falarem sobre eles”.

Atendida tal pretensão, em 06 de agosto, já no dia 07 compareciam em cartório o Coronel João Batista da Silva Teles, o comerciante Manuel de Oliveira e Silva e o funcionário público Alfredo Rodrigues Damasceno Salgado, dizendo todos que *“tinham pleno conhecimento dos justificantes e afirmavam por isso que ele tem a idade de 23 anos e ela de 18”*.

Seguiu-se, em 15 e 25 de agosto, a publicação dos proclamas, sendo então entregue no último dia desse mês, aos contraentes o certificado de habilitação. Estavam cumpridas as exigências da lei. E assim Euclýdes Rodrigues da Cunha, às 15h 30 min, do dia 10 de setembro de 1890, na Sexta Circunscrição Civil, recebia como esposa Ana Emília Sólón Ribeiro, efetuando-se a cerimônia religiosa do mesmo dia na Igreja Matriz de São Cristóvão.

E assim esse casamento foi certificado:

Wilson de Abreu Sales, oficial do Registro Civil da Sexta Circunscrição do Distrito Federal, certifico que relendo em cartório o livro de registro de casamentos, 4, folhas 136, sob o número 217, consta o termo de seguinte teor: Aos dez dias do

mês de setembro de mil oitocentos e noventa, nesta capital e na residência do Coronel Frederico Sólton Sampaio Ribeiro, à Rua de São Luiz de Gonzaga, 61, às três e meia horas da tarde, presente o juiz, comigo oficial efetivo e as testemunhas Comendador José Alves Ferreira Chaves e Dr. Diego Rodrigues Vasconcelos, receberam-se em matrimônio o segundo Tenente Euclides Rodrigues da Cunha, filho legítimo de Manuel Rodrigues da Cunha e Eudóxia Moreira da Cunha, de vinte e três anos, natural do Estado do Rio de Janeiro, residente na Rua de São Cristóvão, 132, e Ana Emília Sólton Ribeiro, filha legítima do já referido Coronel Frederico Sólton Ribeiro e Tília Teixeira Ribeiro, com 18 anos de idade, natural do Estado do Rio Grande do Sul, residente na rua mencionada, São Luiz de Gonzaga. Em firmeza do que eu, Joaquim Pereira de Macedo Couto, lavrei este ato que vai por todos assinado. Às me. Ventura de Barros Leite Sampaio, Euclides Rodrigues da Cunha, Ana Emília

Ribeiro da Cunha, Maria Rosa de Vasconcelos, Diogo Ruiz de Vasconcelos, José Alves Ferreira Chaves”.

Era um dia pleno de festas. Como ninguém previa o futuro, esse casamento se deu por findo em 15 de agosto de 1909, 19 anos depois, com a morte de Euclides assassinado por Dilermando de Assis, o eterno amante de sua mulher, futuro marido de sua viúva e também matador de seu filho, Euclides da Cunha Filho, em 1916.

Sobre *Os Sertões* já se disse tudo. Procurei apenas algumas opiniões diferentes. Não as louvações costumeiras, mas as que me chamaram a atenção.

Sobre a linguagem usada por Euclides na obra, o acadêmico José Renato Nalini, da Academia Paulista de Letras, diz:

“Para quem precisa de vocabulário, é um exercício interessante ler Os Sertões e procurar no dicionário as palavras usadas por Euclides. Há mais de 400 mil verbetes! E pensar que Machado de Assis usou apenas 4 mil para escrever toda a sua obra”.

Autor de *“Os sertões de Euclides da Cunha: Releituras e Diálogos”*, José Leonardo do Nascimento, também coordenador de *Juízos Críticos*, explica as contestações ocorridas quando do lançamento da obra:

“O crítico José Veríssimo, numa

resenha publicada no jornal Correio da Manhã, quase simultânea ao lançamento do livro, referiu-se a uma espécie de invasão do vocabulário técnico-científico no gênero literário com Os Sertões. Euclides respondeu-lhe imediatamente numa carta, dizendo-lhe que a literatura daqueles tempos deveria expressar as verdades científicas. Ele o definiu como um livro de ciência e arte”.

Sobre a personalidade de Euclides, o mesmo José Renato Nalini assevera:

“Euclides era uma personalidade multifária, exuberante. Aparentemente ciclotímico, ao entusiasmo sobrevinha um desalento. Hoje o chamariam de bipolar, pois alguma depressão também transparecia. Mas era uma pessoa generosa, amável, interessava-se pela sorte dos demais. Comprava as brigas dos amigos. E não hesitava em voltar atrás, como o fez em relação ao livro Os Sertões. Começou por acreditar que os jagunços eram ‘primatas’ e chegou à conclusão de que a luta de Canudos era insuscetível de uma singela visão maniqueísta.”

No livro *“Matar ou morrer – o caso Euclides da Cunha”*, a escritora Luiza Eluf fala da relação entre Euclides e Ana. Segundo ela, Ana teria confiado à filha Judith, o óbvio, que não viva bem com seu marido. Luiza Eluf diz *“ela sentia falta de companhia e amor”*. Luiza especula sobre o nascimento e seguida morte do primeiro filho do casal, Mauro. Segundo ela:

“Existe a versão de que Euclides afastou o recém-nascido da mãe, impedindo que ela amamentasse a criança, que sucumbiu à inanição. Há outra versão, segundo a qual a criança nascera com má formação congênita, devido a supostas tentativas de abortamento”.

A pressa do casamento teria alguma razão? pergunto eu.

Voltando ao fio da meada, o membro da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin, acredita que

“Os sertões é algo vertiginoso, sofisticado e opulento, bem o avesso das tendências minimalistas de hoje”.

Todos conhecem a frase: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Essa frase, parte do “Homem”, deve ser contextualizada, pois a maioria não sabe – *por não ter lido ou não tido o cuidado de observar* - é a forma complementar com que Euclides definiu o sertanejo:

“A aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasimodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gíngante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-se a postura normalmente abatida, num manifestar-se de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre os estribos, descansando sobre a espenda (parte da sela em que se apóia a coxa do cavaleiro) da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca (para) pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeira conversa com um amigo, cai logo – cai, é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o corpo fica suspenso

pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.”

E é o próprio Euclides que diz, ao analisar o texto acima: *“Ora, esta identidade avulta, mais frisante, quando se comparam com as do passado as concepções absurdas do esmaniado (adoidado) apóstolo sertanejo.”*

O “esmaniado” ou adoidado apóstolo sertanejo é Antonio Conselheiro.

De tudo o que disse ou do que transcrevi, avultam dúvidas claras sobre dois pontos:

1. O homem – bipolar, ciclotímico, quem sabe sem ajuste afetivo ou desempenho ou vigor para casar, tão rápido, com Ana, filha do Coronel que o readmitiu no Exército tão logo a República se instalou. Na verdade, dias depois.
2. A sua dupla condição de jornalista e emissário do Exército, que o conflitava e pedia uma versão que justificasse a matança desenfreada a amotinados contra a República”. Ao mesmo tempo, em que deve ter verificado, como analista que era, a incoerência do que lhe pediam reportar. Assim, o livro seria uma revisão de sua missão de correspondente, mas sem que ele deixasse de carregar tintas sobre o que seria a “sub-raça nordestina”.

Por aqui vou encerrando, sem deixar de pedir a cada um de vocês que não acreditem inteiramente no que ouviram aqui. As suas dúvidas, se persistem, só poderão ser tiradas a partir de seus próprios estudos e conclusões. Façam da leitura de livros, da presença em palestras e da pesquisa, sejam em bibliotecas reais ou virtuais, instrumentos para uso cotidiano em suas vidas profissionais. Admitam que a educação dê a informação e esta, sedimentada pela pesquisa e o estudo, transformase em conhecimento. São eles, aliados ao uso da crescente tecnologia, da responsabilidade social e da cidadania, elementos indispensáveis ao êxito pessoal neste Século XXI.